

IMAGENS DE VIOLÊNCIA DE TORCIDAS ORGANIZADOS DE FUTEBOL¹
IMAGENS OF VIOLENCE INVOLVING ORGANIZED GROUPS OF FOOTBALL FANS

Tarcyane Cajueiro Santos²

Felipe Tavares Paes Lopes³

Resumo

Este artigo problematiza a discussão sobre violência e torcida organizada, considerada como a principal causadora da violência no futebol brasileiro e afugentadora de outros torcedores nos estádios. Para tanto, analisamos os modos pelos quais os confrontos envolvendo torcidas organizadas são imagetivamente construídos pelo portal G1/Globo Esporte de notícias da Rede Globo. Concentramo-nos na construção das representações dos atores sociais que aparecem nessas imagens, apresentando as principais explicações científicas para a violência no futebol. Concluimos, com base em Barthes (1990), que o portal adota uma narrativa maniqueísta, que estigmatiza as torcidas organizadas ao mesmo tempo em que dissimula sua dimensão social e política.

Palavras-chave: **Mídia. . Imagem. . Violência. . Futebol. . Torcida Organizada.**

Abstract

Abstract

The goal of this article was to discuss the violence and torcedores organizados, considered to be the main cause of violence in Brazilian football and absencer other players' supporters in stadiums. To do so, we analyze the ways in which confrontations involving torcidas organizadas are constructed by the G1/Globo Esporte portal of Rede Globo. We focus on the construction of representations of social actors that appear in these images, presenting the main scientific explanations for violence in football. We conclude, based on Barthes (1990), that the portal adopts a narrative which stigmatizes the torcidas organizadas while concealing its social and political dimension.

Keywords: Media. Image. Violence. Organized Groups of Football Fans.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (GT 5. Imagens e ambientes de conflito), do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO, Brasil. E-mail: tarcyaniecs@gmail.com

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO, Brasil. E-mail: lopesftp@gmail.com

Considerações iniciais

A violência tornou-se uma questão central nas sociedades contemporâneas, sendo considerada pelos brasileiros como um dos três problemas mais graves do país, de acordo com as pesquisas da Confederação Nacional da Indústria/CNI, de 2012, 2014 e 2016 (FLORES, 2016). A violência não se circunscreve, todavia, a nenhuma esfera específica da vida social, mas é um fenômeno que perpassa todas as estruturas e instituições sociais e envolve distintas práticas, como a agressão física, a exclusão social e o preconceito. Está presente, portanto, tanto no estalar do cacete que rasga a pele de corpos negros nas periferias das cidades quanto nos assédios velados a executivas bem-vestidas nos escritórios de bairros de luxo. O futebol, meio pelo qual o brasileiro constrói sua identidade, não fica à parte dessa escalada da violência. Em torno dele, há uma intensa mobilização de olhares, imagens e afetos que contribuem para vilanizar determinados grupos de torcedores, construídos como responsáveis pelas arruaças e brigas nos estádios e arredores.

Torcida e futebol são parceiros de longa data. Conforme esse esporte foi se popularizando, o ato de torcer foi se modificando. Nos primórdios do futebol brasileiro, a assistência futebolística contava, diferentemente do que ocorre hoje em dia, com uma forte presença de mulheres – esposas e filhas dos sócios dos clubes, que não precisavam pagar os ingressos. Além de acompanhar as partidas de futebol, torcendo e retorcendo nervosamente seus lenços, as filhas solteiras costumavam ser apresentadas a possíveis pretendentes, na expectativa de que, dessa apresentação, concretizasse-se um casamento. Neste período, os espectadores de futebol já se diferenciavam dos de outros esportes, devido a sua agitação (MALAIA, 2012).

Ao longo das décadas, novos agrupamentos de torcedores apareceram. Em pleno Estado Novo (1937-1945), surgiram as primeiras torcidas uniformizadas, como a TUSP, do São Paulo. Essas torcidas possuíam bandas próprias, chamadas de charangas, e gozavam de prestígio na mídia, pois eram vistas como ordeiras. Ademais, seus líderes costumavam ser pessoas conhecidas do grande público, como o político, empresário e dirigente esportivo Laudo Natel, da TUSP, e possuíam boa relação com os cartolas do clube. Na segunda metade da década de 1960, durante a ditadura civil-militar (1964-1985), surgiram as atuais torcidas organizadas, como os Gaviões da Fiel, do Corinthians. Diferentemente dos agrupamentos anteriores, essas torcidas nasceram reivindicando autonomia face aos dirigentes do clube e

passaram a operar como mecanismos de pressão, o que levou à realização de diversos protestos ao longo de sua história. Ademais, imprimiram sua marca nas arquibancadas de todo o país, adotando um novo estilo de torcedor, mais participativo, que inclui coreografias, gritos de guerra e cantos, puxados pelas baterias e acompanhados por grandes bandeiras (HOLLANDA, 2009).

Com o passar do tempo, as torcidas organizadas cresceram e fragmetaram-se em uma miríade de sub-grupos espalhados pelas cidades (os “bondes”, as “famílias”, os “pelotões”, as “quebradas” etc.), além de estabeleceram novas redes de rivalidade e solidariedade, que, com certa frequência, resultam em conflitos. Todavia, cabe destacar que, num primeiro momento (até o fim da década de 1970, mais exatamente), essas torcidas gozavam de prestígio junto à imprensa, que as via como associações progressistas, capazes de fazer frente ao *status quo*. No entanto, durante a década de 1980, isso começou a mudar, e a imprensa começou a chamar a atenção para as ações vandálicas e violentas de seus membros. Ações que ganharam novas proporções nos anos 1990, com a ocorrência de uma série de tragédias, como a batalha campal do Pacaembu, quando torcedores organizados do Palmeiras e do São Paulo invadiram o gramado e se enfrentaram violentamente, resultando na morte de um torcedor e numa centena de feridos (LOPES, 2013). A partir de então, tais torcidas passaram a ser caracterizadas, com frequência, como as vilãs do futebol brasileiro.

Na última década, uma série de estudos (SANTOS, 2004; HOLLANDA, 2009; LOPES, 2013) começou a se debruçar sobre essa caracterização e a problematizá-la. No entanto, ainda hoje, há uma importante lacuna na literatura: praticamente não há estudos sobre o papel das imagens na construção dessa caracterização. Diante disso, este artigo busca problematizar a discussão sobre violência e torcida organizada, na medida em que esta é acusada de ser a principal causadora da violência no futebol brasileiro e afungentadora de outros torcedores nos estádios, hoje arenas. Diversas são as imagens e reportagens midiáticas que apontam para as torcidas organizadas como principais agenciadoras de problemas na esfera do futebol. Sendo assim, neste artigo, analisamos as maneira através das quais os confrontos envolvendo torcidas organizadas são imagetivamente construídos a partir do portal G1/Globo Esporte de notícias da Rede Globo. Ao realizar essa análise, concentramo-nos na construção das representações dos atores sociais que aparecem nessas imagens. Antes de apresentá-la, contudo, cabe contextualizá-las, apresentando as principais explicações científicas para a violência no futebol.

Como metodologia, adotamos o contexto da produção midiática de imagens sobre violência na torcida, detalhando o processo de construção do *corpus* da pesquisa e os procedimentos de análise e interpretação das imagens que fazem parte dele, especialmente a partir de Barthes (1990). Esperamos com isso, ampliar os estudos sobre a produção de imagens de violência e torcedor organizado e suas consequências no universo do futebol.

Violência(s) no futebol

A violência no contexto esportivo não é um fenômeno recente. Ao contrário, Eric Dunning (2014) – considerado um dos pais da Sociologia do Esporte – mostra como, em uma perspectiva de longo prazo, essa violência arrefeceu tanto entre os praticantes quanto entre os espectadores. Nas suas palavras: “[...] até mesmo os hooligans britânicos e os mais violentos entre os jogadores de futebol americano são na verdade coroinhas se comparados a seus homólogos nos mundos antigo e medieval” (p. 160, grifo do autor).

Descendente longínquo dos jogos populares da Idade Média, o futebol, desde seu nascimento no século XIX (nas escolas públicas inglesas), também é caracterizado pela violência. Há inúmeros registros de práticas que, hoje em dia, seriam vistas como “bárbaras”. Os jogadores usavam sapatos com ponteiros de ferro para ferir a canela dos adversários, os calouros eram utilizados no lugar das traves, os magrelos eram chutados feito sacos de pancada e chegava-se à beira do assassinato para arrancar uma bola. Ao longo do tempo, todavia, o futebol foi gradualmente sendo regrado e, dependendo do ponto de vista, “civilizado” (DUNNING, 2014).

Isso não foi suficiente, no entanto, para impedir a ocorrência de confrontos entre espectadores e entre espectadores e policiais. Ainda no início do século XX, por exemplo, ficaram famosas, na Escócia, as chamadas “gangues da navalha”, que acompanhavam os dois principais clubes do país – o Rangers e o Celtic – causando confusão e temor por onde passavam (GIULIANOTTI, 2002). No Brasil, também há registros de violência envolvendo torcedores desde seus primórdios. É ilustrativo aquele que ficou conhecido como o “jogo das pás de remo”, em 1923. Neste, torcedores do Vasco da Gama foram agredidos por remadores do Flamengo, que utilizavam pás de remo como armas e instrumentos de ameaça e intimidação (MURAD, 2007).

A partir da década de 1970, os confrontos no futebol brasileiro passaram a ser menos “espontâneos” e mais “militarizados” (MURAD, 2007). Essa militarização pode ser atribuída,

em parte, ao legado autoritário da ditadura civil-militar (1964-1985), quando o país foi conduzido por governos autoritários, ilegítimos, não-representativos e arbitrários (PINHEIRO, ALMEIDA, 2003). Nesse período, também nasceu o “Campeonato Brasileiro de Futebol”, consolidando o deslocamento coletivo de torcedores e estreitando as relações de amizades e inimizades entre as torcidas organizadas.

Conforme já antecipamos, ao longo dos anos, essas torcidas foram se tornando mais burocráticas, empresariais e violentas (TEIXEIRA, 2004; SANTOS, 2004; HOLLANDA, 2009). Isso não significa, todavia, que todas elas se engajem em conflitos violentos. Há diversos tipos de torcidas organizadas e, entre eles, há aquelas torcidas que rejeitam a belicosidade como elemento distintivo, como é o caso das torcidas “chopes” e “rastas”. E, mesmo entre aquelas que valorizam a disposição para os embates corporais – as torcidas “de pista” –, com frequência, a briga é vista apenas como uma resposta a uma ação provocada por um agrupamento rival ou pela polícia.

Diferentemente do que costuma pregar o “senso-comum”, esses embates não são sem sentido, ou seja, não são o produto de pessoas irracionais, “excrecências” da sociedade, que personificariam a maldade. Ao contrário, é justamente porque possuem uma lógica (social, cultural, econômica etc.) que podem ser explicados. Entre outras razões, Murad (2017) destaca a impunidade, decorrente da falta de uma resposta efetiva do Estado ao problema da violência, a fragilidade do controle da circulação de armas de fogo por parte do Poder Público e, de forma mais ampla, a violência social que assola o país de ponta a ponta.

Zucal (2010), por sua vez, sublinha a ineficiência da polícia, incapaz de administrar corretamente os conflitos nos estádios e arredores. Também aponta para o modelo de masculinidade presente nas formas de socialização estabelecidas dentro do universo futebol e, especialmente, nos movimentos organizados de torcedores. Modelo que se assenta num princípio moral que reza que, para ser “homem de verdade”, é preciso aguentar as adversidades – o que faz com que a participação em um embate físico seja um meio para a obtenção de capital simbólico. Para o autor, a violência no futebol opera, portanto, como um importante instrumento de posicionamento identitário, capaz de fornecer algum sentimento de pertencimento num mundo cada vez mais atomizado e individualista.

A violência no futebol, de acordo com Zucal (2010), permite também se inserir numa rede de favores, que pode resultar na obtenção de recursos materiais, como ingressos gratuitos e financiamento para viagens a outras cidades e países. A dimensão instrumental da violência,

todavia, não pode apagar, segundo o autor, o fato de ela operar, por vezes, não como um meio, mas como um fim em si mesmo. Afinal, conforme Giulianotti (2002), ela pode produzir excitação, adrenalina, “experiência de fluxo” – da mesma forma que a prática de um esporte radical, tais como: o surfe em ondas grandes, o voo de asa-delta e o *bungee jump*.

Por fim, Zucal (2010) também nos alerta para não perdermos de vista o fato de que, ainda que os embates corporais sejam vistos como formas de violência pela maior parte das pessoas, para seus adeptos, são parte intrínseca do universo das torcidas. Para eles, a violência está, na verdade, na “covardia”, ou seja, no uso de armas de fogo e no espancamento. Por esta razão, o autor insiste na ideia de que a própria definição de violência é objeto de controvérsia e disputa. Mais ainda, insiste na ideia de que, ainda que haja muitas condições que nem mais a percebamos como violentas de tão naturalizadas que estão – como os gritos homofóbicos contra torcedores rivais –, elas podem, em determinados momentos, passar a ser percebidas como problemáticas por determinados grupos. Diante disso, a seu ver, a violência no futebol deve ser conjugada no plural. Trata-se, na verdade, de violências.

Referencial metodológico

A metodologia adotada se baseou na hermenêutica de profundidade, desenvolvida por Thompson (2000). Esta é organizada em três fases interdependentes: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação e reinterpretação. A primeira objetivou (re)construir, de forma breve, as condições históricas e sociais de produção das imagens e discursos sobre a violência envolvendo torcedores de futebol. Afinal, essas imagens não subsistem num vácuo, mas estão inseridas em contextos concretos. Os resultados da reconstrução das referidas condições foram sintetizados na introdução.

A segunda fase objetivou interpretar os elementos discursivos e visuais da reportagem do Portal G1 de notícias do Globo Esporte intitulada “Clássicos no Estado de São Paulo terão torcida única até o fim deste ano”. Para esta análise, nos baseamos em alguns conceitos teóricos sobre imagem em Roland Barthes. Realizamos uma análise baseada em conceitos teóricos de Roland Barthes (1990), especialmente, em “A retórica da imagem”. Barthes amplia o modelo linguístico de Saussure e ultrapassa a problemática circunscrita ao funcionamento de como as palavras individuais funcionam como signos de linguagem, desenvolvendo uma metodologia aplicada a um campo mais amplo e diversificado de signos, representações e práticas culturais. Segundo Hall (2016, p.73), “Barthes está mais preocupado

com o jogo de sentido e desejo que permeia os textos do que com a tentativa de fixar sentido por uma análise científica das regras e leis da linguagem”.

A terceira fase objetivou reinterpretar os resultados da segunda fase à luz dos resultados da primeira fase. Mais exatamente, busca mostrar como que, nas circunstâncias específicas de produção, circulação e recepção das imagens de violência envolvendo torcedores de futebol, as estratégias semióticas empregadas na construção dos atores sociais representados nessas imagens podem estar associadas a certos modos gerais de operação da ideologia. Neste caso, apontamos para os conceitos de denotação e conotação trabalhados por Barthes, na medida em que enquanto a denotação aponta para um nível mais simples e descritivo do signo; a conotação, por sua vez, relaciona-se com sentidos e temas mais abrangentes e não tão claros. “Aqui começamos a interpretar os signos completos nos termos de interpretação mais vasta da ideologia social - as crenças gerais, quadros conceituais e sistemas de valores da sociedade” (HALL, 2016, 71).

Jogos de torcida única

Uma vez apresentado o contexto institucional do *corpus* analisados, cabe, agora, contextualizar o objeto desses discursos: os jogos de torcida única. Estes são uma medida que vem sendo adotada, há algum tempo, em outros países, como a Argentina. No entanto, aparentemente, sem os resultados esperados. Tanto é que, segundos dados da ONG Salvemos el Fútbol, não foi capaz de diminuir as mortes por brigas. No Brasil, clássicos com torcida única já foram adotados em pelo menos três estados. Em São Paulo, a medida foi implementada em 2016, a pedido do Ministério Público à Federação Paulista de Futebol (FPF), após confrontos entre torcedores corintianos e palmeirenses antes e depois de um clássico válido pela 14a rodada do Campeonato Paulista, que resultaram na morte de um torcedor no bairro de São Miguel Paulista. Desde então, jogos entre os quatro grandes do estado contam apenas com torcedores do clube mandante.

Importante observar que essa medida veio acompanhada da proibição das torcidas organizadas de entrarem nos estádios paulistas com faixas, instrumentos ou qualquer utensílio que as identifique. Proibição que acabou sendo flexibilizada em 2017, quando as organizadas paulistas assinaram um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) e puderam voltar a entrar (com parte de) seu material, com exceção de algumas corintianas.

De modo geral, pode-se dizer que essa proibição e os jogos de torcida única se inserem num contexto mais amplo caracterizado, primeiro, pela criminalização das torcidas organizadas. Essa criminalização é reforçada por alguns artigos pelo Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei 10.671/2003). Entre eles, o Art. 39-A, que aplica a pena de comparecer a eventos esportivos “[...] tanto ao ente coletivo, torcida organizada, quanto ao indivíduo, seus associados ou membros, independentemente de culpabilidade em um dos atos ilícitos ali descritos” (GUILHON, 2017, p. 94). Segundo, pelo fortalecimento dos mecanismos de controle panóptico do torcedor em todo o Brasil (LOPES, 2013). Hoje em dia, há, inclusive, um projeto de identificação biométrica dos torcedores nos estádios paranaenses.

Descrição do Corpus: Portal de Notícias G1/SP

O portal de notícias Globo Esporte faz parte das redes afiliadas que compõem o G1 nacional que foi lançado em 18 de setembro de 2006 e é um portal de divulgação de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo, sob orientação da Central Globo de Jornalismo, sendo bastante acessado. O portal disponibiliza o conteúdo de Jornalismo das diversas empresas do Grupo Globo - Rede Globo, Globo News, Rádios Globo e CBN, Jornais O Globo, Extra, Expresso, Valor Econômico e Diário de São Paulo, revistas Época e Globo Rural, entre outras - além de reportagens próprias em formato de texto, fotos, áudio e vídeo.

Além das cinco redações próprias situadas no Rio de Janeiro, em São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Recife, afiliadas da Rede Globo, jornais, revistas, rádios e as agências de Notícias Agência Estado, Agência France Presse, Associated Press, EFE, New York Times, Lusa, Reuters e Valor Econômico alimentam o portal de notícias, que é atualizado 24 horas por dia. Assim como os demais das demais afiliadas da Globo:

O portal se caracteriza por ser um site na internet projetado para aglomerar e distribuir conteúdo de várias fontes diferentes de maneira uniforme, sendo um ponto de acesso para uma série de outros sites e subsites, internamente ou externamente, ao domínio ou subdomínio da empresa gestora, do portal (CARVALHO&CARVALHO, 2018, p.787-789).

Nessa perspectiva, temos de levar em conta que o portal de notícias se insere na cultura da convergência (JENKINS, 2009), na qual o conteúdo é construído a partir de múltiplos suportes midiáticos, o que dá a sensação ao consumidor de obter uma informação muito mais completa da notícia.

Descrição e interpretação dos elementos verbovisuais

A reportagem do portal G1/Globo esporte foi postada um dia depois do confronto entre as torcidas do Palmeiras e Corinthians em três regiões de São Paulo: São Miguel Paulista, Guarulhos e dentro da estação Brás do metrô, com uma pessoa morta.

O texto foi escrito a partir de uma matéria exibida na televisão sobre uma briga entre torcidas organizadas de futebol. Logo após o título da matéria no portal G1/SP, aparece um vídeo do Jornal Nacional sobre a briga entre integrantes de torcidas organizadas de São Paulo, com a morte de uma pessoa, e a proibição de ter duas torcidas nos clássicos do futebol paulista anunciada pela secretaria de segurança pública do Estado de São Paulo. Depois, que a apresentadora Fernanda Vasconcelos fala sobre a nova medida de apenas ter torcida única nos clássicos para quem tem o mando de jogo, ela fala que no dia anterior um homem que passava na rua foi morto devido a uma briga entre torcedores do Corinthians e do Palmeiras. Em seguida, aparece uma matéria relatando, com imagens, que integrantes de torcidas organizadas se confrontaram três vezes no domingo. A reportagem também aponta para a morte de um homem que passava na rua, mostrando o vulto de uma pessoa caindo e logo em seguida de pessoas correndo. As imagens foram gravadas por uma câmera de segurança por trás de uma porta. Em off, o repórter diz que várias pessoas passam correndo e não prestam socorro. Logo em seguida, aparece outra imagem, na qual há uma entrevista com uma pessoa que não quis se identificar, falando sobre o ocorrido: “infelizmente o que houve não foi torcedores, foi bandidagem”. Depois, aparece a delegacia de Guarulhos, onde o repórter diz que a guarda civil apreendeu um arsenal com torcedores, mostrando as imagens das armas. Intercalada à imagem das armas, uma pessoa que não quis se identificar diz ao repórter: “Pânico generalizado. Eu pensei que fosse desmaiar de tanto medo, que era muita gente”. A reportagem continua, mostrando a briga na estação Brás, no metrô e narra que “a briga foi com rojões disparados pelos corintianos contra os palmeirenses, que regiram, depredaram e invadiram o vagão onde estavam os torcedores rivais. Na próxima imagem, aparece o repórter falando que “houve ainda um quarto conflito, uma hora depois do jogo, neste ponto há pouco mais de 2 km do estádio”. Continua o repórter: “e este segundo a polícia e o ministério Público, com característica de emboscada por parte de torcedores do Corinthians, dois deles já envolvidos em graves episódios de violência no passado”. Em seguida, ao mesmo tempo em que o repórter narra atos de violência de torcedores organizados de futebol, mostrando os

torcedores do Corinthians acusados de ter matado com um sinalizador um garoto na Colômbia, há uma intercalação de imagens na qual o promotor de justiça Paulo Castilho, aparece enfatizando a necessidade de se pensar num novo modelo de torcida organizada. A reportagem termina com o promotor dizendo que “nesses moldes que a torcida organizada existe hoje, ela morreu, ela sucumbiu, ela não pode existir”.

Logo após a postagem do vídeo, a matéria continua e apresenta mais informação sobre as mudanças que iriam vigorar. Segundo a reportagem, a medida pedida pelo Ministério Público à Federação Paulista de Futebol de reduzir os clássicos disputados no Estado entre Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos a uma única torcida, a do time mandante, ocorreu no dia seguinte à morte de uma pessoa em São Miguel Paulista, durante a briga entre torcedores do Palmeiras e do Corinthians. “Em confronto antes e depois do jogo, quase 60 integrantes de torcidas organizadas foram detidos” (REZENDE, 2016). Na imagem abaixo aparece o então secretário de Segurança pública do Estado de São Paulo, Alexandre de Moraes, juntamente com outras autoridades sentados, discutindo sobre medidas de combate à violência no futebol, conforme a legenda abaixo da figura. No centro da foto, aparece o distintivo da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Este emblema, junto com os homens vestidos de terno e gravata dão o tom de seriedade à discussão. Os significantes – os homens de terno e gravata sentados ao redor de uma mesa sob o emblema da Secretaria de Segurança Pública – aponta para significados que remetem à autoridade, ordem, seriedade e resolução de conflitos.



Figura 1: Medidas para o combate à violência no futebol foram anunciadas na Secretaria de Segurança Pública (Foto: Yan Resende).

No parágrafo seguinte, a matéria continua e aponta que a Inglaterra é o país mais citado em relação ao combate à violência das torcidas organizadas, sugerindo que a repressão aos torcedores é uma possível solução:

No início da década de 80, por causa da má conduta dos hooligans, os clubes ingleses foram proibidos de disputar competições europeias por cinco anos. Na ocasião, houve também forte repressão policial e isolamento das facções. Na Argentina, após um 2013 violento, todos os jogos passaram a ter torcida única (RESENDE, 2016).

Em seguida, a reportagem anuncia mais duas medidas adotadas pela secretário de segurança pública do Estado de São Paulo Alexandre Morais e pelo promotor Paulo Castilho, que proíbem “as torcidas de entrarem nos estádios paulistas com faixas, instrumentos ou qualquer utensílio que as identifique. Isso vale para todas as partidas do Estado, não só



clássicos, também para torcedores de times de outros estados que jogarem em São Paulo” (IDEM, IBIDEM). É importante dizer que o texto vem acompanhado da imagem 2, que mostra um corpo embrulhado numa calçada com sangue escorrendo, de uma pessoa que não era de nenhuma torcida, vítimas de torcedores, conforme a legenda. A imagem é forte e pela ausência aponta quais seriam os principais culpados de alguém que, segundo a reportagem, não tinha nenhuma relação com a torcida. Afirmação que aponta para o perigo que os torcedores representam às pessoas de maneira geral, pois a violência não ocorre apenas entre eles, mas abrange as pessoas de maneira geral.

Figura 2: Vítima morta na zona leste não participava da briga, segundo a PM (Foto: Helio Torchi/Simapress/Estadão Conteúdo).

No parágrafo seguinte, sob o tópico intitulado, “E MAIS: Presos de Oruru são detidos por briga antes de clássico paulista”, é anunciada a proibição de doação de ingressos dos clubes para as torcidas organizadas e a comercialização de bilhetes sendo feitas somente pela internet, sem bilheteria. Com a finalidade de legitimar a medida, a reportagem cita o Secretário de Segurança Pública: “- Nenhuma medida será mágica, mas acreditamos que esse conjunto será efetivo. Já reduzimos a violência dentro dos estádios...Vamos seguir tomando medidas para que tenha efeito também fora deles – disse o secretário Alexandre de Moraes” (RESENDE, 2016). Em seguida, aparece a imagem 3, com camisas oficiais do Corinthians e do Palmeiras estendidas no chão, ao lado de barras de ferro, de madeira e rojões apreendidos. A imagem é reveladora de quem seriam os grandes culpados da violência no futebol e, portanto, deveriam ser banidos. Não é necessário o rosto dos culpados pelos crimes, pois os significantes – torcidas oficiais dos clubes paulistas Corinthians e do Palmeiras ao lado de barras de ferro, de madeiras e rojões -, apontam para a suposta relação entre os torcedores e a violência. Chama atenção que essas camisas são dos clubes e não das torcidas organizadas. Na maioria das vezes, os torcedores organizados usam seus próprios símbolos e não os dos clubes, como as suas camisas oficiais, que geralmente têm patrocínio de empresas. Por isso, caso a imagem não estivesse inserida num contexto de criminalização das torcidas organizadas, o leitor provavelmente não associaria os crimes com as organizadas, podendo ser quaisquer torcedores de ambas as torcidas. A imagem e a legenda evidenciam a relação entre torcida e violência.



Figura 3: Barras de ferro, de madeira e rojões foram apreendidos no domingo (Foto: Helio Torchi/Simapress/Estadão Conteúdo).

A reportagem termina dizendo que a Secretaria de Segurança Pública identificou nas brigas de domingo, por meio de câmeras de segurança do metrô, quase 50 pessoas envolvidas e que o Ministério Público fará com que as torcidas organizadas da palmeirense Mancha Alviverde e da corintiana Camisa 12 respondam judicialmente por crime de vandalismo. As últimas palavras da matéria são as do Promotor Castilho e do Secretário Alexandre de Moraes sobre a questão da impunidade das torcidas organizadas e da sucessão de crimes derivados de uma falta de punição mais efetiva. Para Castilho, “- a impunidade alimenta a criminalidade das torcidas. O modelo de hoje incita a violência entre elas, mas o cerco está se fechando” (IDEM, IBIDEM). Alexandre de Moraes por sua vez, ao refletir sobre o fato de que todos os 57 torcedores detidos antes e depois do clássico foram soltos após prestar o depoimento no domingo, afirma: “- no momento em que houve o crime, eu entendo a tipificação pelo artigo 41 (promover tumulto, praticar ou incitar a violência), mas, mas olhando posteriormente, com mais calma, eu tipificaria por participação em homicídio por dolo eventual”, apontando a legislação atual como “arcaica e extremamente frágil” (IDEM, IBIDEM).

Dessa forma, os torcedores deveriam ter uma punição muito maior, já que o crime incidiria num patamar mais grave do que a lei imputa. Ao invés da tipificação pelo artigo 41, a legislação deveria ser modificada a fim de punir com mais severidade os conflitos entre os torcedores.

Considerações finais

Ao abordar o tema, o portal derivado do jornalismo da Rede Globo adotou uma narrativa de caráter nitidamente maniqueísta, que estigmatiza as torcidas organizadas ao mesmo tempo em que dissimula sua dimensão social e política. Estudos vêm apontando que a mídia de maneira geral se utiliza de uma série de metáforas para construir essa narrativa – como a da natureza, que identifica o torcedor organizado (ao menos os associados a atos violentos) em termos de ações animais e/ou patológicas. Estes seriam “o lado podre”, “terríveis excrescências”, uma “doença”. Na reportagem que selecionamos, a imagem é subjugada pela narrativa, apontando para um sentido único, que é de criminalizar as torcidas organizadas e bani-las não apenas dos estádios, como também da sociedade. Toda imagem, segundo Barthes (1990), é polissêmica, pressupondo uma cadeia flutuante de significantes; no entanto, a mensagem linguística, na qual a imagem encontra-se vinculada a um dado texto, fixa os sentidos possíveis (denotados) ao objeto por meio da narrativa. É assim que mesmo com a ausência dos símbolos das torcidas organizadas (suas camisas, broches, bandeiras etc.) e dos próprios torcedores das fotografias na reportagem, chega-se à conclusão de que os todos os torcedores organizados devem ser banidos do futebol por serem protagonistas de cenas de violência.

A Narrativa, em última instância, contribui para legitimar o controle social sobre os torcedores organizados, mantendo-os numa posição de subordinação na estrutura de poder do universo do futebol (LOPES, 2013). Afinal, os possíveis receptores/consumidores do portal são os segmentos sociais e as instituições que debatem e formulam as políticas públicas. “Sendo assim, as produções acadêmicas, institucionais, estatais e da mídia atuam, nesse contexto sócio-histórico de análise, não apenas como atores sociais produtores, mas como também receptores de formas simbólicas” (ANDRADE, 2004, p. 94). Há aí o que Barthes (1990, p.33) denuncia como o controle do sentido da imagem por meio do texto, muito encontrado na fotografia jornalística e na publicidade. Em suas palavras, “compreende-se que seja ao nível do texto que se dê o investimento da moral e da ideologia de uma sociedade”, posto que a fixação decorrente da mensagem linguística é uma forma de controle em relação à multiplicidade de significados que uma imagem pode comportar.

Referências

- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.
- FLORES, Mariana. 8 problemas extremamente graves do Brasil, na opinião dos brasileiros. **Agência de Notícias CNI**, 2016. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/agenciacni/noticias/2016/02/8-problemas-extremamente-graves-do-brasil-na-opinioao-dos-brasileiros/>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público sobre a violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, n. 36, vol. 4, 2013, p. 597-612.
- LOPES Felipe Tavares Paes; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Políticas de segurança ou de dominação? Dimensões ideológicas do relatório da Comissão Paz no Esporte. **Revista Brasileira de Ciências no Esporte**. n. 36, vol 2, 2014, p. 682-695.
- MALAIA, João M. C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade (Orgs). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 53-86.
- MURAD, Maurício. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. 2 ed. São Paulo: Benvirá, 2017.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Guilherme Assis. **Violência urbana**. São Paulo: Publifolha, 2003.
- RESENDE, Yan. Clássicos no Estado de São Paulo terão torcida única até o fim deste ano”. 04/04/2016 20h46-Atualizado em 04/04/2016 22h15. **G1/Globo Esporte**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume, 2004.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo, Annablume, 2004.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. “A nova visibilidade”. **Revista Matrizes**, n.2 abr., pp.15-38, 2008. Disponível em: www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/download/5230/5253. Acesso em: 28 maio 2016.
- ZUCAL, Jose Garriga. **Nosotros nos peleamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol**. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.